

**TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS
DESENVOLVIDOS NA MAMOA VI DE VILARES
E NOS PAINÉIS DE ARTE RUPESTRE DE
BREGADA, UNHAIS-O-VELHO, PAMPILHOSA
DA SERRA, PORTUGAL**

**Archeological works in mound VI of Vilares and
in the rock art panels of Bregada, Unhais-o-
Velho, Pampilhosa da Serra, Portugal**

Carlos Batata e Filomena Gaspar



Vila Velha de Ródão, 2011

**TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS DESENVOLVIDOS
NA MAMOA VI DE VILARES E NOS PAINÉIS DE ARTE
RUPESTRE DE BREGADA, UNHAIS-O-VELHO,
PAMPILHOSA DA SERRA, PORTUGAL¹**

**Archeological works in mound VI of Vilares and in the
rock art panels of Bregada, Unhais-o-Velho, Pampilhosa
da Serra, Portugal**

Carlos Batata e Filomena Gaspar²

Palavras-chave: Pré-história, mamoa, arte rupestre

Keywords: Prehistory, mounds, rock art

Resumo

Dando continuidade às intervenções de emergência realizadas pelos autores em 2009, nas mamoa do Cabeço da Linteira e V de Vilares, efectuou-se a escavação da Mamoa VI de Vilares e desenharam-se alguns painéis de arte rupestre, inseridos agora no projecto de investigação denominado *Arte rupestre e monumentos funerários da Pré-história recente do concelho de Pampilhosa da Serra*.

As escavações realizadas nestas duas mamoa apontam para uma cronologia da Idade do Bronze, não sendo possível, nesta fase dos trabalhos, determinar uma cronologia mais fina.

Para além destes trabalhos ensaiaram-se técnicas de remoção de líquenes sobre gravuras rupestres, sem utilização de produtos químicos.

¹ Na capa uma vista da mamoa VI de Vilares, após restauro.

² Arqueólogos da SERRA-MÃE, Associação Cultural da Beira Serra.

Abstract

Following emergency interventions carried out by the authors in 2009, in the mounds of Cabeço da Linteira and V Vilares, the excavation of the mound VI Vilares and the drawing of some rock art panels were undertaken, now included in the research project called *Rock art and funerary monuments from recent prehistory in the municipality of Pampilhosa da Serra*.

The excavations carried out in these two mounds pointed out a chronology of the Bronze age, but it is not possible, at this stage of the work, determine a finer chronology.

In addition to these works techniques of removing lichens on rock engravings were tested, without the use of chemicals.

Introdução

O presente artigo pretende fazer uma actualização do que foi a nossa actuação no âmbito do projecto de investigação e salvaguarda, quer da arte rupestre quer das mamoadas e povoados, identificados no concelho

de Pampilhosa da Serra, aquando da realização da carta arqueológica³. Na revista AÇAFA On line, nº 2⁴, demos conta dos trabalhos efectuados em duas mamoadas bastante destruídas, onde apresentámos alguns dados estatísticos sobre o seu grau de conservação, implantação, diâmetros e altura da couraça pétrea. Sobre a arte rupestre pouco trabalho foi feito para além das fotos e alguns poucos desenhos realizados aquando da elaboração da carta arqueológica.

Os trabalhos decorreram de 25 de Julho a 5 de Agosto de 2011, com uma equipa de quatro pessoas, para os trabalhos de escavação propriamente ditos, e duas pessoas na limpeza e desenho das gravuras.

1. Escavação da mamoa VI de Vilares

A mamoa foi detectada durante a prospecção efectuada para a elaboração da Carta Arqueológica do Concelho de Pampilhosa da Serra⁵ e faz parte de um conjunto de 147 mamoadas detectadas no espaço físico do concelho (dados de Agosto de 2009). Encontra-se 18

³ BATATA & GASPAR, 2009.

⁴ BATATA & GASPAR, 2009b.

⁵ BATATA & GASPAR, 2009: 108.

TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS DESENVOLVIDOS NA MAMOA VI DE VILARES E NOS PAINÉIS DE ARTE RUPESTRE DE BREGADA, UNHAIS-O-VELHO, PAMPILHOSA DA SERRA, PORTUGAL

Carlos Batata e Filomena Gaspar

metros a sudoeste da Mamoa V de Vilares que sofreu uma intervenção de emergência, no ano de 2009.

A mamoa foi dividida em quatro quadrantes (**Figura 2**) e dentro destes quadrantes, foram abertos quadrados de 1m x 1m, orientados a norte e numerados com uma letra na longitude e um número árabe na latitude (**Figura 1**). De modo a obter os perfis norte-sul e este-oeste foram escavadas até à base rochosa, duas sanjas com 50 cm de largura, sinalizadas na grelha quadriculada da mamoa.

A mamoa encontrava-se coberta com bastante vegetação arbustiva e com pinheiros novos, nascidos após os grandes incêndios ocorridos na área há alguns anos atrás (**Figura 3**). Os pinheiros que se encontravam sobre a couraça da mamoa foram cortados, depois de obtida a autorização do proprietário, de modo a evitar a sua futura destruição por estas árvores de grande porte. A vegetação arbustiva, constituída por giesta, urze e carqueja foi integralmente removida.

Após a desmatção e quadriculagem procedeu-se à remoção da camada humosa constituída por folhas, musgos, raízes e alguma terra, de modo a obter a dimensão máxima de dispersão do quartzo leitoso e algum xisto que constituíam a couraça da mamoa. Esta limpeza permitiu

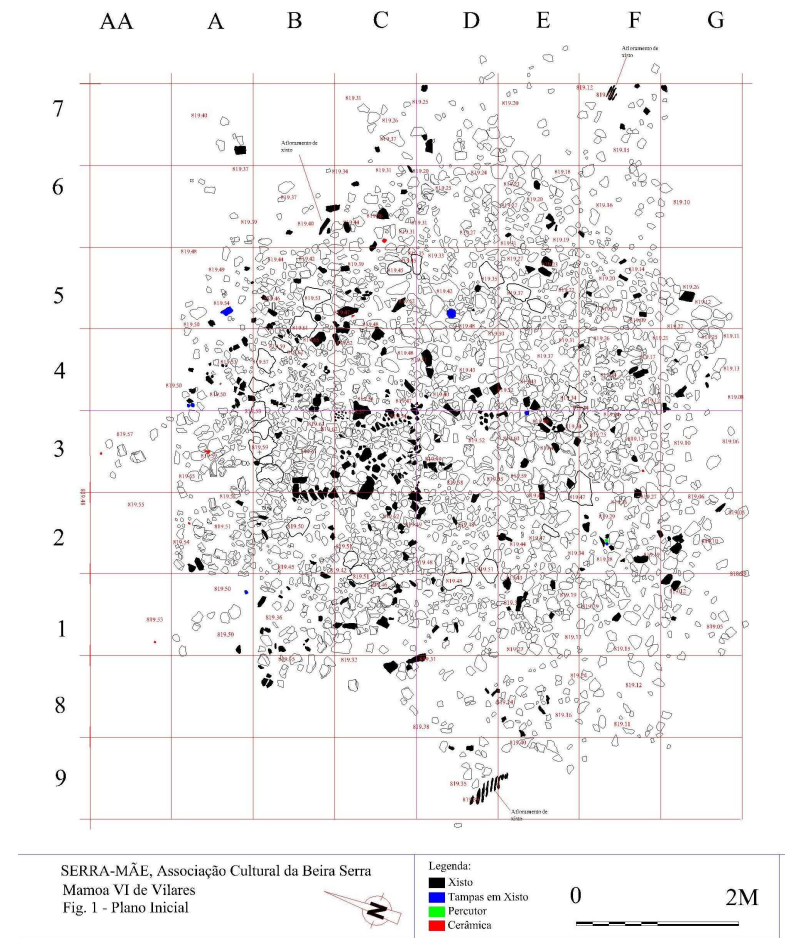


Figura 1. Desenho inicial da Mamoa VI de Vilares.

TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS DESENVOLVIDOS NA MAMOA VI DE VILARES E NOS PAINÉIS DE ARTE RUPESTRE DE BREGADA, UNHAIS-O-VELHO, PAMPILHOSA DA SERRA, PORTUGAL

Carlos Batata e Filomena Gaspar

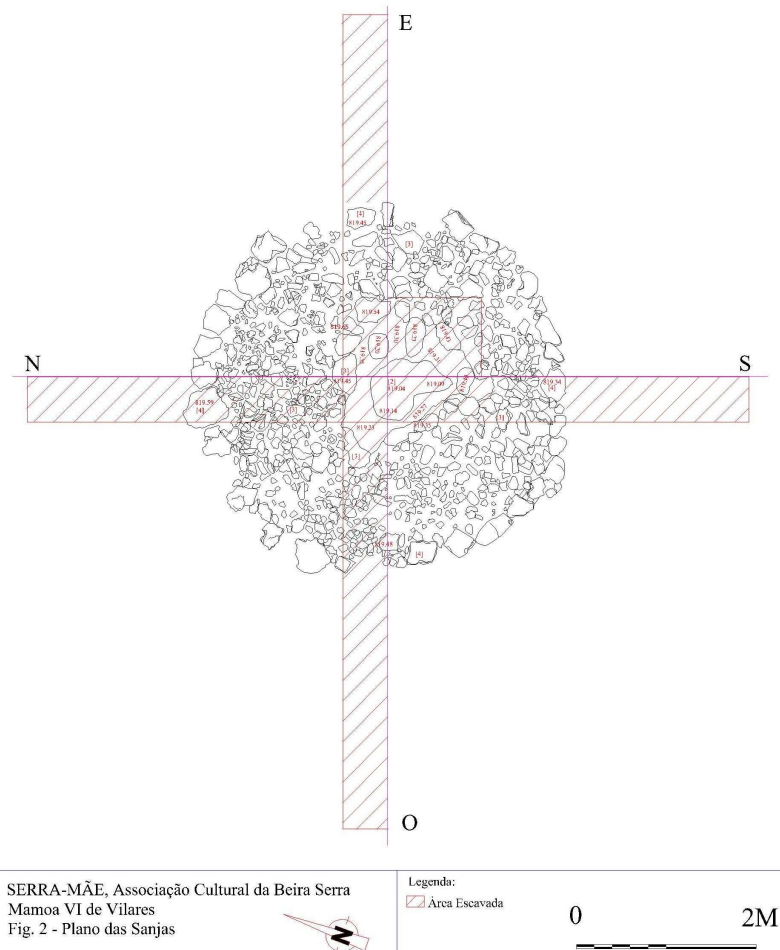


Figura 2. Desenho final da Mamoa VI de Vilares.

delimitar as pedras que afloravam à superfície bem como visualizar outras que se encontravam cobertas pela camada humosa, de forma a poderem ser desenhadas.

A limpeza geral da couraça revelou a existência de alguns fragmentos de cerâmica avermelhada, de torno, encontrada à superfície ou na UE [1]. Apareceu toda em quadrados exteriores ao anel lítico de contenção da couraça (**Figura 1**). A limpeza também permitiu visualizar melhor o anel lítico, constituído por grandes blocos de quartzo leitoso, formando um anel quase perfeito.

Foi efectuado o desenho de todas as pedras da mamoa, sendo perceptível a localização da câmara funerária através de uma ténue depressão central existente e de uma maior concentração de lascas de xisto.

De seguida procedeu-se à remoção das pedras superficiais de menor dimensão que se encontravam soltas e dispersas sobre a mamoa, bem como à remoção integral de todas as pedras exteriores ao anel lítico. Algumas delas resultaram da queda de pedras da couraça ao longo do tempo, outras de trabalhos de extracção de pedra para construção civil, como nos foi confirmado pelo proprietário: desta mamoa, bem como da

Mamoa V de Vilares e ainda das restantes quatro mamoas que fazem parte desta necrópole, saíram várias carradas de pedra para construção das casas dos proprietários, há mais de 30 anos.



Figura 3. Mamoa VI de Vilares antes de intervencionada.

A escavação processou-se de fora para dentro, ou seja, começou-se por escavar os quadrados exteriores ao anel lítico, até à rocha. Todas as terras foram crivadas. Verificou-se que faltavam algumas pedras

grandes do anel lítico, situação que deverá ter acontecido aquando da extracção de pedra para a construção civil. Verificou-se também que, apesar de o anel lítico constituir uma circunferência quase perfeita (diâmetro este-oeste com 4,10 m e norte-sul com 4,20 m), a disposição dos blocos é relativamente irregular. Verificou-se também que o anel lítico assentava directamente na rocha e que nalguns locais, foram colocadas algumas pedras pequenas de quartzo leitoso a calçar os grandes blocos. Na parte sul, devido à inclinação ligeira do terreno, a quantidade destas pequenas pedras tornou-se maior.

Nalguns dos quadrados exteriores encontraram-se grandes pedaços de carvão, assente sobre o afloramento xistoso.

Verificou-se ainda que, aquando dos preparativos para construção da mamoa, alguns afloramentos verticais de xisto foram deliberadamente aplanados por percussão. Não sabemos se no interior da mamoa também existiam afloramentos aplanados, dado que não foi feito o desmonte de toda a estrutura. Com efeito, apenas foi efectuado o desmonte interno de uma sanja de 50 cm de largura, por 3,5 m de comprimento, no lado norte e uma outra de sentido oeste-este, com a mesma largura e comprimento de 3 m.

Destinavam-se estas sanjas a esclarecer como era constituído o enchimento da mamoa, tendo sido escavadas até ao afloramento rochoso, e se existiam carvões no seu interior que pudessem fornecer uma cronologia segura, já que os carvões recolhidos no exterior da mamoa, junto ao afloramento, não significavam que fossem anteriores ou datáveis da altura da construção da mamoa. Se eles existissem no interior da mamoa, sobretudo ao nível do afloramento então teríamos carvões credíveis para datação. Tal não aconteceu.

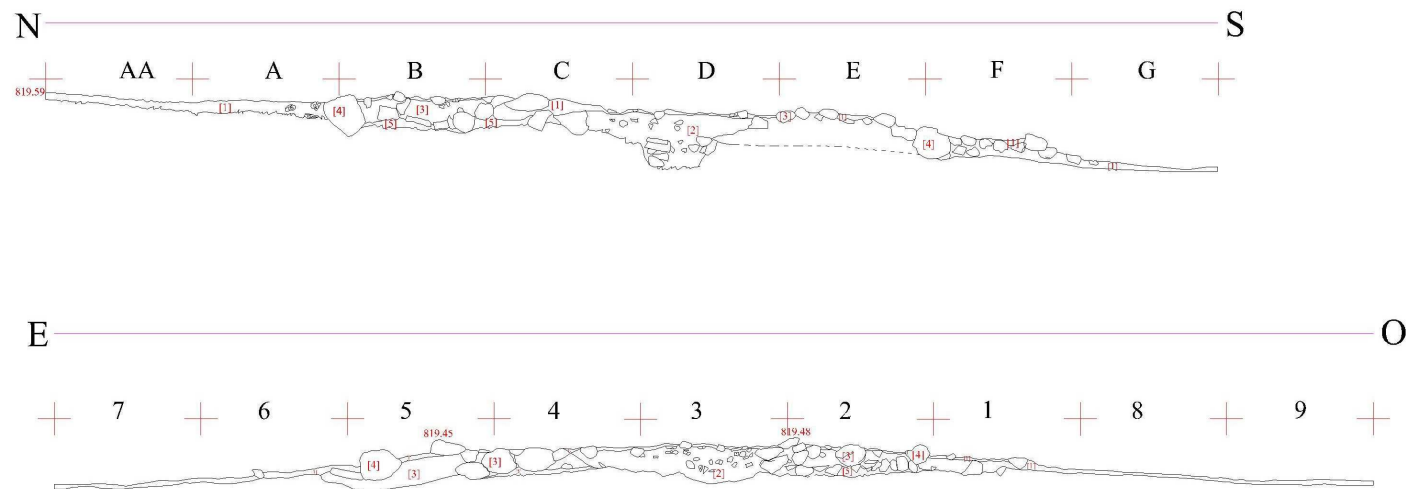
Após a remoção de todas as pedras da couraça existentes nas sanjas, verificou-se que não existiam carvões no interior, o que punha de lado a hipótese de se tratar de um nível de queimada prévio à construção da mamoa. Só resta a probabilidade de se tratar de carvões de incêndios posteriores à construção do monumento funerário. Como a potência estratigráfica é muito pequena (variando entre os 0,5 e os 11 cm), os carvões tanto podem ser antigos como recentes.

A escavação das sanjas permitiu saber que as primeiras camadas da couraça eram constituídas por grandes blocos de quarto leitoso misturado com blocos de xisto e grauvaque, estando ausentes as pedras de pequeno calibre (**Figura 4**).

Deixou-se para o fim a escavação da câmara funerária, situada no cruzamento das duas sanjas. Quando se efectuou o desenho inicial, verificou-se que existia uma depressão no centro da mamoa e que a quantidade de lascas de xisto era mais abundante nesta zona central. A escavação em área delimitou uma cratera de violação de formato irregular e a escavação em profundidade revelou o alvéolo de algumas grandes pedras que foram arrancadas não se sabendo se pela acção dos violadores se pela extracção de pedras para a construção de casas (**Figura 2**). Alguns dos blocos maiores sugerem a existência de um círculo de pedras que constituiriam a câmara funerária. O estado de destruição não permite ser muito conclusivo.

Existia ainda o covacho da câmara funerária, escavada no solo, em forma de crescente. Não foi encontrado qualquer fragmento de cerâmica ou material lítico, apesar da crivagem de todas as terras. Ou os violadores levaram todos os objectos sem os partirem, ou não existia nada na câmara.

TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS DESENVOLVIDOS NA MAMOA VI DE VILARES E NOS PAINÉIS DE ARTE RUPESTRE DE BREGADA, UNHAIS-O-VELHO,
PAMPILHOSA DA SERRA, PORTUGAL
Carlos Batata e Filomena Gaspar



SERRA-MÃE, Associação Cultural da Beira Serra
Mamoa VI de Vilares
Fig. 4 - Perfis Oeste-Este e Norte-Sul

0 2M 4

Figura 4. Cortes estratigráficos da Mamoa VI de Vilares.

1.1. Estratigrafia (Figura 4)

A estratigrafia registada é muito simples, tendo-se atribuído cinco unidades estratigráficas, sendo uma de deposição lenta, uma de alteração do substrato geológico com alguma antropização e três devidas à acção humana: duas de construção do monumento e uma resultante da acção de violação e destruição da câmara funerária.

[1] – Terra castanho-escuro argilosa humosa, poeirenta, fina e solta, com vegetação arbustiva e raízes.

[2] – Terra castanho-clara, solta, com raízes, pequenas pedras, lascas de xisto e blocos de quartzo leitoso, revolvida por violação da câmara funerária.

[3] – Terra castanho-clara, com grandes blocos de quartzo leitoso, xisto e grauvaque, constituindo o enrocamento da couraça pétrea.

[4] – Anel lítico constituído por blocos grandes de quartzo leitoso.

[5] – Terra barrenta de cor bege, de alteração do afloramento rochoso.



Figura 5. Mamoia VI de Vilares após escavação.

1.2. Materiais arqueológicos

Os materiais cerâmicos encontrados, todos nos quadrados exteriores ao anel lítico, apresentam características bastante modernas, como seja um fragmento de asas de cor alaranjada e fragmentos cerâmicos muito pequenos que não permitem definir a tipologia da peça. No QC6

apareceram, à superfície, dois fragmentos de cerâmica de uma bilha que poderá ser, eventualmente, de época romana.



Figura 6. Cerâmica, disco de xisto e percutor em quartzo.

Para além dos materiais cerâmicos, surgiram uma quantidade apreciável de tampas de xisto no exterior e interior da mamoa, de diversos tamanhos. Surgiram também tampas ovaladas e um percutor de quartzo com pouco desgaste (**Figura 6**).

2. Preservação da mamoa

No sentido de evitar a sua destruição e de poder constituir um item didático, foram entabuladas conversações com a Junta de Freguesia de Unhais-o-Velho e a Câmara Municipal de Pampilhosa da Serra, no sentido do restauro do monumento e respectiva musealização. Os primeiros passos foram dados, através da colocação de geotêxtil e uma camada de areia sobre este, a que se seguiu a recolocação da pedra de quartzo que havíamos retirado da couraça da mamoa e a que se encontrava espalhada em volta⁶.

Procedeu-se também ao preenchimento das lacunas do anel lítico, através da colocação das pedras de faltavam. A escavação deixou uma área com cerca de 2 m de largura em volta do monumento, podendo

⁶ Fotografia na capa do artigo.

esta área levar uma camada de gravilha que impeça a erosão do solo e do afloramento, provocada pelos visitantes. Tal trabalho não está feito, indo a Associação Serra-Mãe solicitar à Câmara Municipal e Junta de Freguesia a colocação do mesmo, com o acompanhamento de um arqueólogo da associação, bem como a colocação de um painel informativo e placas de sinalização.

3. Conclusão

A escavação desta estrutura tumular revelou a existência de uma mamoa com cerca de 4 m de diâmetro, com couraça sustida por anel lítico irregular, tal como acontecia na Mamoa V de Vilares, que lhe fica próxima. O covacho também é muito semelhante ao encontrado nesta pequena mamoa de 2 m de diâmetro, bem como a cobertura da câmara funerária com lajes de xisto. Tal como a anterior também foi alvo de violação em data incerta, com a única diferença de ter revelado alguns fragmentos de cerâmica de aspecto arcaico, o que não aconteceu nesta mamoa. A cobertura seria igual nas duas mamoas.

Em 2009 havíamos escrito que a couraça era “constituída unicamente por blocos de quartzo leitoso de média e pequena dimensão”, posição que ora revemos devido aos conhecimentos obtidos na escavação da Mamoa VI de Vilares. Com efeito, hoje pensamos que a cobertura seria exclusivamente feita com grandes blocos de quarto leitoso e alguns de xisto e grauvaque, consoante a abundância no local de um ou outro tipo de material usado⁷. Com o decorrer dos séculos esta pedra tem tendência a fragmentar-se por acção do vento, do calor, do gelo e dos incêndios, o que induziu muitos investigadores, entre os quais nos incluímos, a considerar que era usada uma camada de pedra miúda para a cobrir.

Baseamos esta nossa hipótese em duas observações feitas na mamoa. Em primeiro lugar, a escavação das sanjas revelou que o enrocamento, ou as primeiras camadas da couraça da mamoa, é constituído por grandes blocos que, por nunca terem estado expostos aos elementos atmosféricos, não se atomizaram. Em segundo lugar, a escavação da câmara violada revelou um enchimento de lajes de xisto (da cobertura

⁷ Tem-se verificado, neste e noutros concelhos em volta, que nem todas as mamoas são construídas com quarto leitoso, havendo-as, por exemplo, só em seixos de quartzito (Abrantes e Pampilhosa da Serra), só em xisto (Pampilhosa da Serra, Arganil, Sertã), e em quartzito anguloso (Pampilhosa da Serra).

da câmara) e pequenas pedras de quartzo. Se imaginarmos que a violação começou no topo central da couraça, como seria natural, e onde a pedra exposta aos elementos atmosféricos se encontrava muito atomizada, compreende-se que no fundo da câmara só se tenha encontrado material muito fragmentado.

Quanto à sua cronologia, apesar de termos escrito em 2009 que existiam carvões da Mamoa V de Vilares, estes são tão pequenos e em tão pouca quantidade que dificilmente se poderão datar. Na presente escavação, como dissemos, recolhemos carvões no exterior da mamoa que, apesar de serem em quantidades suficientes para serem datados, não aparecem em contextos seguros. Também recolhemos carvões no interior da câmara violada que nos datam a violação *post quem*, mas não a construção do monumento. A datação obtida através do C¹⁴, efectuada no ITN, revela que o provável incêndio ocorreu em 970 +- 35 depois de Cristo. A violação da câmara funerária pode ter ocorrido logo após o incêndio ou muitos anos depois. Resta ainda saber de que tipo de matéria orgânica estamos a falar: de pinheiro bravo não deve ser, dado que a sua cultura é relativamente recente neste concelho (cerca de 200 anos).

Em termos de comparação, se confrontada a tecnologia de construção e os materiais recolhidos na Mamoa do Cabeço da Linteira (Freguesia de Pampilhosa da Serra) que inserimos no período Calcolítico, estas duas mamoas, contemporâneas entre si, deverão datar de um período mais tardio, inserível na Idade do Bronze.

Quanto aos materiais líticos recolhidos, a grande quantidade de tampas de xisto é recorrente na área, encontrando-se um pouco por todo o lado. Mostradas a pessoas da zona, não definiram para elas qualquer uso contemporâneo, pelo que as temos de considerar como antigas; não conseguindo, porém, definir um uso associado a estes discos toscamente afeioados, de formato redondo e ovalado (**Figura 6**). O percutor apresenta pouco uso e poderá ter sido usado para afeioar os afloramentos de xisto que estão na periferia da mamoa.

4. Limpeza e desenho de arte rupestre

Em 2011, iniciámos o desenho dos motivos gravados nas rochas e ensaiámos algumas técnicas de limpeza de líquenes, através de

processo naturais, observáveis no local, antes de recorrermos aos produtos químicos.

Com efeito, verificámos que as rochas que se encontravam cobertas com terra apresentavam os motivos limpos de quaisquer líquenes. Já os que se encontram expostos ao ar livre, apresentam, por vezes, grande quantidade deles que dificultam a leitura e o desenho, e não permitem fazer boas fotografias com luz rasante natural ou artificial. A técnica usada consistiu em cobrir alguns motivos, em que a pedra se encontra enegrecida e com muitos líquenes, com terra da periferia, que pensamos terá o pH e a consistência necessária para branquear a rocha e permitir, assim, obter todas as características das gravuras.

Se a experiência resultar, este método poderá ser utilizado de futuro, para branquear as rochas que se encontravam tapadas com terra e que expusemos ao ar livre e que, fatalmente, virão a enegrecer e a ganhar líquenes. Tal é o caso da Rocha II do Vale do Gato e as rochas X e XI de Bregada.

É por essa razão também que alguns motivos não foram desenhados, como aconteceu na Rocha XIX de Bregada (ver mais abaixo) em que só foi desenhado o antropomorfo figurativo que tem por baixo um sapato

que não foi desenhado por ter muitos líquenes, mas que faz parte da composição.

4.1. Rocha II do Vale do Gato (Figura 7)

A Rocha II do Vale do Gato, virada e inclinada para sul, situada numa zona declivosa que sofreu florestação, apresentava-se quase totalmente coberta com terra, tendo sido necessário removê-la de forma a poderem ser desenhados os seus motivos. A rocha foi desenhada na íntegra.

Os motivos desenhados constam de duas mãos esquerdas com parte do braço, gravadas por percussão⁸, uma covinha não afeiçãoada, apenas percutida, uma ferramenta ou instrumento feita com um picotado mais fino, que poderá indicar uma época anterior ou posterior de gravação, semelhando uma pá, nuvens de picotados de difícil interpretação e um possível semicírculo inacabado ou destruído por uma falha da rocha.

⁸ Datadas por António Martinho Baptista como sendo da Idade do Bronze.

4.2. Rocha X de Bregada (Figura 8)

No caso da Rocha X de Bregada apenas se desenhou a figura principal, pois o resto do painel encontra-se com bastantes líquenes que dificultam a leitura da rocha. A rocha, medianamente inclinada, encontra-se virada a oeste e apresenta grande quantidade de motivos gravados.

Contém um gravado figurativo, no que parece ser um xamã ou entidade superior, com antenas, mãos elevadas, parecendo segurar na mão direita um braço, com orelhas pronunciadas, olhos e boca marcados e atributo sexual bem demarcado, integrável na Idade do Bronze.

4.3. Rocha XI de Bregada (Figuras 9 e 10)

No caso da Rocha XI foi necessário remover alguma terra acumulada, de forma a obter toda a extensão da rocha. Esta apresenta uma das figurações mais importantes de toda a arte rupestre sinalizada na área e encontra-se num rego que recebe as águas de um caminho de terra.

A Rocha XI de Bregada contém uma cena de pastorícia, com uma pessoa em pé sobre o que parece ser uma vaca, com corda (arreata); aos pés parece estar representado um cão também com atributo sexual marcado. À frente da vaca existe um outro animal que poderá ser uma cabra, embora pouco nítida. O painel termina com a presença de um cruciforme e tem também uma covinha pouco perfeita.

Abaixo desta rocha, mas muito perto, encontram-se outros gravados, cobertos com líquenes. Arriscou-se o desenho de alguns deles, embora o desenho possa ser sujeito a rectificação, caso se verifique, após a remoção dos colonizadores, que existe discrepância no desenho ou que faltam elementos.

4.4. Rocha XIX de Bregada (Figuras 11 e 12)

Esta rocha é muito grande, não tendo havido possibilidade de a desenhar por completo. Apesar de grande e de ter uma boa superfície para gravação (película cristalizada), não apresenta grande quantidade de gravuras, encontrando-se bastante separadas umas das outras.

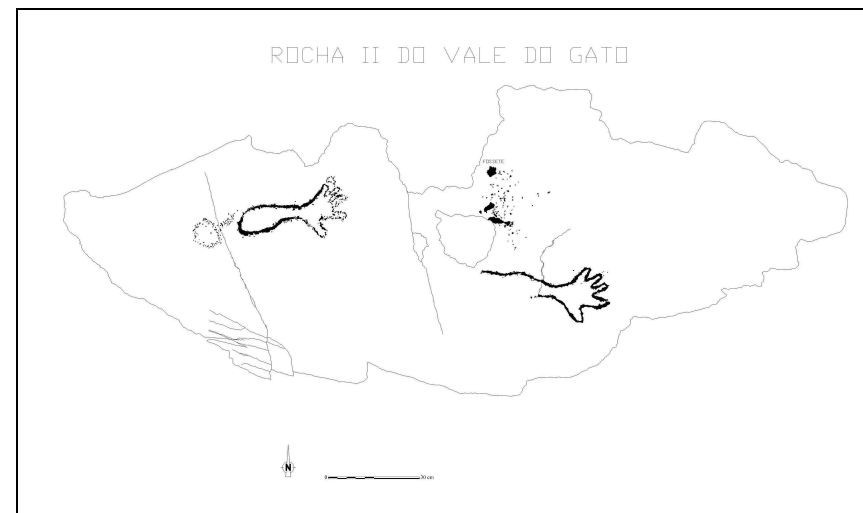


Figura 7. Fotografia e desenho da Rocha II do Vale do Gato.



Figura 8. Desenho parcial da Rocha X de Bregada.

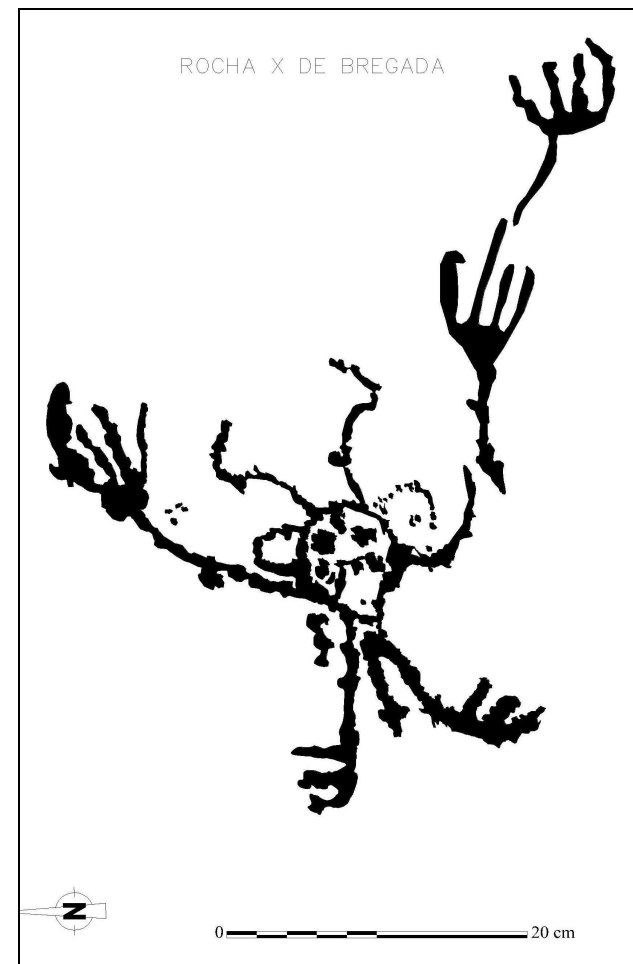




Figura 9. Desenho total da Rocha XI de Bregada.

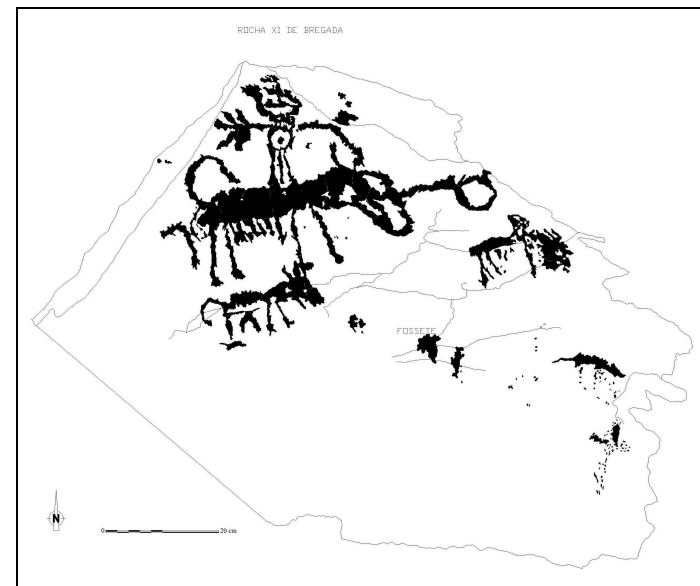




Figura 10. Representação de antropomorfo ou machado de mão.

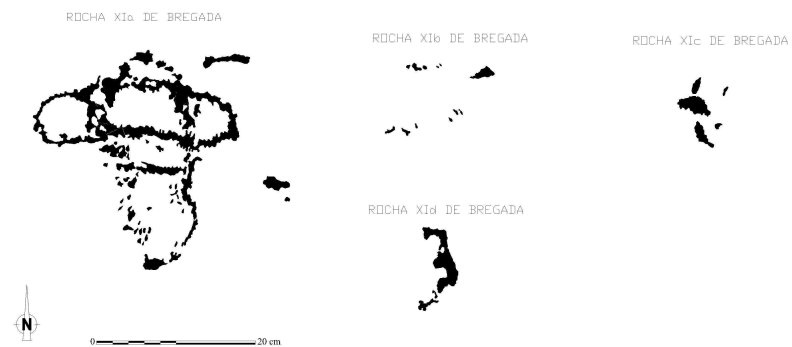




Figura 11. Representação de semicírculo, bota e antropomorfo figurativo.



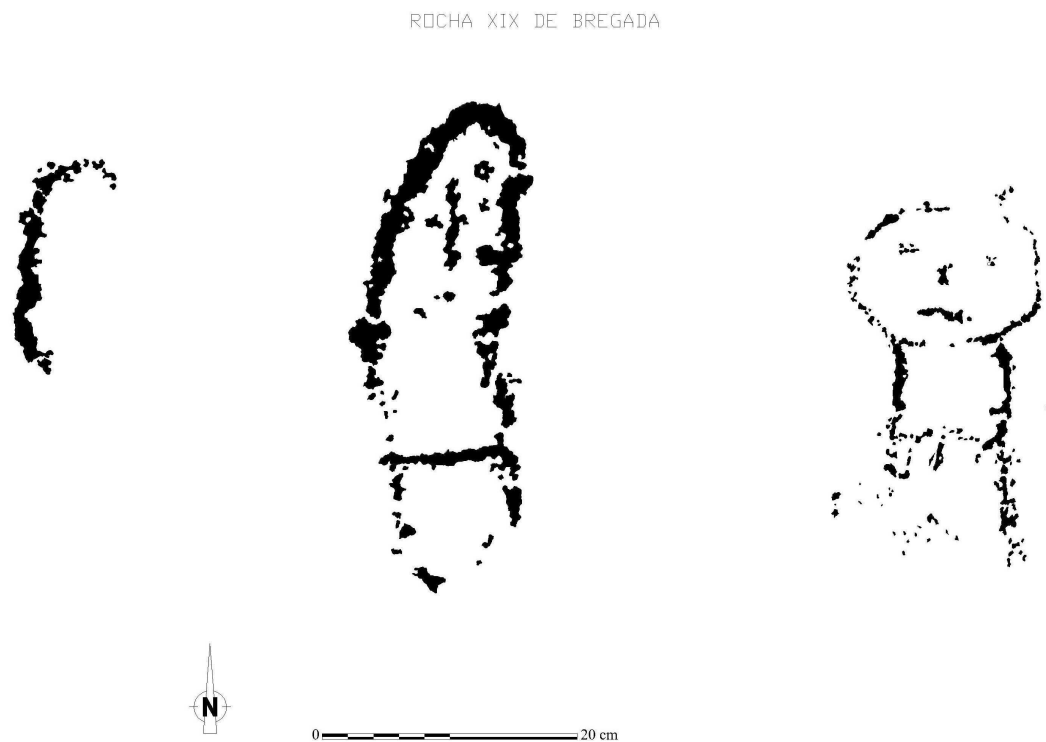


Figura 12. Representação de semicírculo, bota e antropomorfo figurativo (desenhos).

Encontra-se em posição horizontal, com as gravuras viradas a sul. Entre os motivos antigos surgem, por cópia, algumas botas gravadas por pastores contemporâneos, bem como adição de elementos recentes a gravuras pré-históricas.

4.5. Rocha XXI de Bregada (Figura 13)

Trata-se de um novo painel com gravuras, viradas a sul, que se encontra num caminho de terra e que se encontrava tapado por terras aquando da elaboração da carta arqueológica, razão pela qual não demos pela sua presença durante a prospeção de campo.

Por se situar num caminho florestal está sujeito a desaparecer com o nivelamento do piso, situação frequente em áreas sujeitas a exploração silvícola. Os motivos encontram-se em razoável estado de conservação, apesar de terem sofrido a acção de uma máquina niveladora que destruíram uma pequena parte dos motivos.

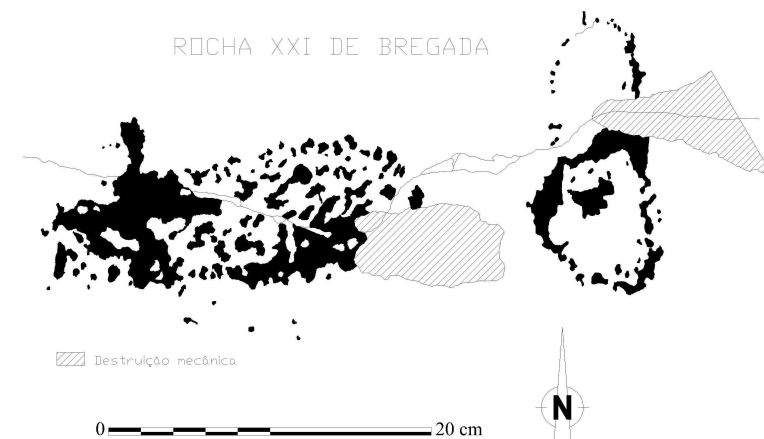


Figura 13. Representação de podomorfo e círculo solar com acrescento.

Apresenta um podomorfo a cheio e um círculo rodeando um percutido interior (representação solar?) ao qual foi acrescentado um pontilhado talvez na tentativa de criar um sapato.

remontar ao período neo-calcolítico, mas não se encontra minimamente estudada. Embora a maior parte dos que foram já analisados e estudados se insiram na Idade do Bronze, algumas gravuras parecem ser mais antigas, o que a seu tempo comentaremos.

5. Relação entre arte rupestre e mamoaas

Os painéis de arte rupestre desenhados da zona de Bregada parecem inserir-se no período da Idade do Bronze, tal como as mamoaas V e VI de Vilares que se situam a cerca de 1.200m a este. Existem mamoaas ainda mais próximas (a cerca de 200m) com características formais muito semelhantes a estas, ainda não intervencionadas (**Figura 14**).

Os painéis gravados situam-se entre as cotas 960m e 835m de altitude. As mamoaas de Bregada encontram-se na cota dos 790m e as de Vilares nos 820m. Tanto as primeiras como as segundas têm várias rochas gravadas nas suas imediações.

Por insuficiência de estudos de campo não vamos analisar pormenorizadamente os diversos motivos, nem explicar o que significam. Sabemos que existe arte mais antiga nesta zona, que pode

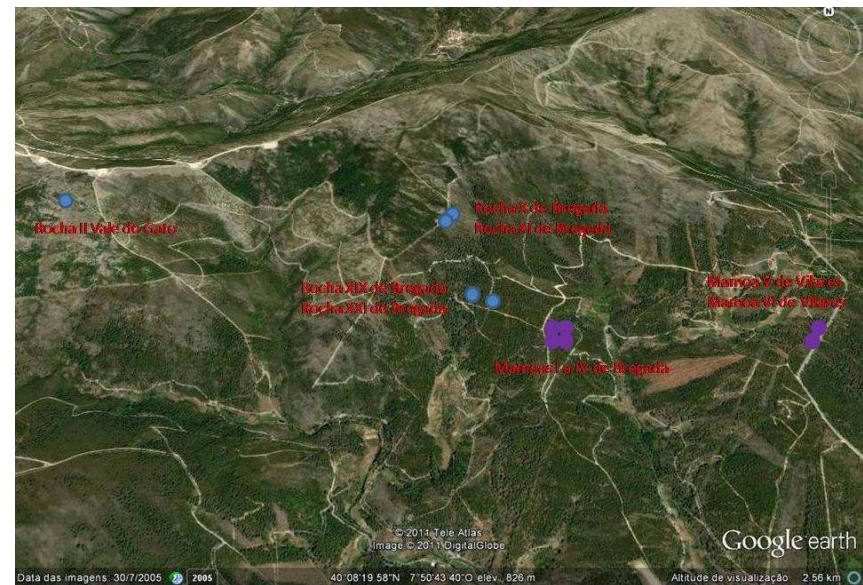


Figura 14. Vista geral da implantação das mamoaas e da arte rupestre intervencionada.

Bibliografia

BATATA, Carlos & GASPAR, Filomena (2009) **Carta Arqueológica do Concelho de Pampilhosa da Serra**. Câmara Municipal de Pampilhosa da Serra.

BATATA, Carlos & GASPAR, Filomena (2009a) **Escavação de emergência da Mamoa V de Vilares (Unhais-o-Velho, Pampilhosa da Serra), Relatório Final**.

BATATA, Carlos & GASPAR, Filomena (2009b) **Mamoas e arte rupestre no concelho da Pampilhosa da Serra (Centro de Portugal)**.

AÇAFA On Line, 2. Associação de Estudos do Alto Tejo. Vila Velha de Ródão:2-21.

[http://www.altotejo.org/acafa/docsN2/Mamoas e Arte Rupestre na Pampilhosa da Serra.pdf](http://www.altotejo.org/acafa/docsN2/Mamoas_e_Arte_Rupestre_na_Pampilhosa_da_Serra.pdf)

GASPAR, Filomena (2009) **Relatório preliminar da escavação de emergência na Mamoa do Cabeço da Linteira, Pampilhosa da Serra**.

GASPAR, Filomena & BATATA, Carlos (2011) **Relatório de progresso 2011 dos trabalhos arqueológicos realizados no âmbito do projecto**

de investigação arqueológica denominado “Arte rupestre e monumentos funerários da pré-história recente do concelho de Pampilhosa da Serra”.